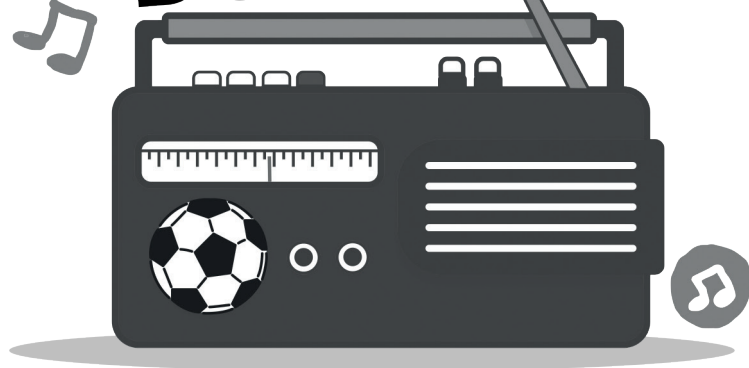






PELA GLÓRIA DO AMOR



RAQUEL CETRA

Título Original: Pela Glória do Amor

Autora: Raquel Cetra

Copyright © Editora Nova Geração & Raquel Cetra

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Catarina Alves

Revisão: Vânia Leite

Diagramação: Tânia Roberto

Capa: Aléxia Oliveira

1ª Edição: agosto de 2026

Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-3625-29-3



Aos que nos ensinam que o jogo da vida se joga com
dedicação, paixão, motivação e determinação, seja nas
quatro linhas como no que toca aos corações.
Com todo o meu amor e admiração, Raquel.



Playlist

Madragoa de Lucília do Carmo

Amor dos Heróis do Mar

Malmequer da Amália Rodrigues

I just called to say I love you do Stevie Wonder

Rosa Flor Mulher da Alexandra

Sempre que o amor me quiser, da Lena D'Água

Pedra Filosofal de Manuel Freire

Estrela da Tarde, de Carlos Carmo

A rosa que te dei do José Cid

Glória dos Sétima Legião

Dou-te um doce da Lena d'Água

Glory of Love do Peter Cetera





SÃO escassos os motivos que fazem qualquer mortal repensar nas suas faltas. Ainda mais escassos são os que permitem a outros seres omniscientes tolerar aquelas que são as nossas imperfeições e os nossos defeitos. Porém, com o nascimento da humanidade, surgiu, igualmente, o motivo mais plausível para todas essas coisas, o que nos tem servido como um escudo de proteção para todas as vezes em que começamos a suar das mãos, da testa e de qualquer outro sítio onde temos glândulas sudoríparas, ou que até nos protege quando cometemos uma loucura.

No teatro, far-se-ia uma pausa e soaria uma voz de espanto por parte de atores pagos para o efeito, assim que fosse revelado este grande motivo. Porém, teremos de nos contentar com o meu parco e pouco idóneo relato escrito do que presenciei no final da década de 1980, em Portugal, com pessoas reais, que se autodestruíram em prol de um sentimento muito honroso!

Caríssimo leitor, é do amor que falo... Esse sentimento, designado como tão nobre por filósofos, pensadores e intelectuais ao longo de diferentes séculos, é o grande motivo pelo qual se perdoam as falhas, faltas e *gaffes*! Foi esse digníssimo sentimento que levou a que Adão comesse a maçã oferecida por Eva, pelo qual acredito que Napoleão perdeu a guerra. E, por consequência, é o que nos leva a travar conhecimento com José Augusto Júdice, ou somente Zé Augusto, e Maria Rosa Vilar, que apenas gostava de ser chamada de Rosa.

Com o final do verão de 1985, o regresso à rotina, para Zé Augusto, parecia-lhe mais difícil, tendo em conta que, na rádio

do *Scirocco* do seu amigo Marco António, a música dos GNR, *Portugal na CEE*, que tantas vezes os tinha acompanhado nas viagens até à Costa da Caparica, continuava a passar a caminho da Faculdade de Lisboa. Mesmo depois de se despedirem das férias de verão e de se prepararem para enfrentar aquele que seria o último ano de licenciatura, o tempo parecia ter parado para a música.

Zé Augusto abanava a cabeça, sem se amedrontar que os seus cabelos ficassem despenteados. Os seus lábios mexiam-se sem pronunciar o som das palavras que lhe vinham à mente. Estava visivelmente aborrecido com o facto de regressar à faculdade, porém preocupado com o seu futuro, pois, até ao fim do semestre, teria de encontrar uma vaga para fazer o seu último estágio curricular.

Marco, com as mãos ao volante do carro emprestado pelo seu tio paterno e sem tirar os olhos das ruas do Bairro da Madragoa, para não atropelar peões ou derrubar quiosques, dada a sua moderada experiência com o volante e com os travões — já que tirara a carta há menos de um mês —, sem sequer olhar para Zé Augusto, questionou-o:

— Não me queres ler o jornal hoje?

Zé Augusto, pouco depois de sair de casa, passava sempre pelo quiosque do senhor Armando para ter dois dedos de conversa sobre o futebol do bairro ou sobre o seu Sporting, além de comprar os jornais e as pastilhas de morango de que tanto gostava de saborear em momentos de nervosismo, que apenas aconteciam em pré-testes ou durante os jogos do Filhos da Madragoa Sport Club. Pegando nos dois jornais que havia comprado, começou por fazer caretas perante a capa do *Diário de Notícias* e disse ao amigo:

— Só me interessa o *Record*... Mas eu dou um jeitinho para te ler o *Diário de Notícias*...

E, assim, enquanto Marco ia conduzindo a fingir que não tremia com as mãos coladas ao volante, Zé Augusto lia o jornal,

nomeadamente as secções referentes à economia e à política, que eram apenas interessantes para o seu amigo. Era o acordo que tinham: enquanto um conduzia, o outro lia as notícias — pelo menos até Zé Augusto decidir terminar de tirar a carta de condução. Apesar de dizer que, pelo seu amor ao ambiente, preferia transportes públicos e boleias, todos os que privavam com ele sabiam que fora apenas por preguiça de se levantar um pouco mais cedo nas férias.

Zé Augusto ainda lhe fez a típica careta de aborrecimento, franzindo o nariz, mas começou a preparar-se com alguma pompa e circunstância para o momento. Alongou um pouco os seus ombros, estalou os dedos, ajeitou os cabelos com a ajuda do retrovisor e pegou no estojo dos óculos de sol de Marco. O simples estojo da *Ray-Ban* era muito estimado pelo amigo, pois tinha sido a sua primeira compra com um ordenado de *part-time*, para brincar com a possibilidade de ser um pente, um perfume, até lhe ter dado o devido descanso junto aos lábios.

O microfone improvisado, nas mãos de Zé Augusto, acompanhava a sua voz suave, como quem apresenta uma equipa de futebol antes do apito inicial. Falou da meteorologia, da quantidade de fotografias de pessoas a acompanhar as notícias, mas, assim que chegou aos títulos, a sua voz modificou-se. Ficou mais rápida, intensa e até melodramática! Todo o relato, com o entusiasmo encenado, terminaria na apresentação da candidatura de Mário Soares às presidenciais, como se fosse uma jogada perfeita que levaria ao golo da vitória.

— E faltam apenas cinco minutos para o final da partida! O juiz já conta os minutos para o apito final! Toda a equipa social-democrata recua na defesa! Mas a equipa socialista não desiste e pressiona à procura do golo da vitória! António Macedo, o dez da equipa, abre no flanco esquerdo, faz cruzamento para a área. Só está lá o avançado Mário Soares que levanta a cabeça, faz frente ao guarda-redes e faz golo! Golo! Inacreditável!

Os socialistas estão ao rubro no estádio! Que momento espetacular! — Zé Augusto começou a imitar o som de palmas e festejos efusivos dos adeptos, perante o riso de Marco, e continuou: — Isto tudo para dizer que, para o ano, são as presidenciais... O Mário Soares vai ser candidato... Blá-blá-blá. Estão aqui os gráficos da bolsa que eu não percebo muito bem... Agora... futebol a sério! Vamos ser campeões este ano!

Marco revirou os olhos à afirmação do amigo, porém, com a escadaria da Faculdade de Direito de Lisboa a afirmar-se na paisagem, nada disse. Sobretudo porque, naquela manhã de regresso, nem a secção dedicada ao Sporting salvaria o coração do seu amigo ao reencontrar Rosa, a sua eterna namoradina, no cimo das escadas, acompanhada.

A mesma questão que o leitor, certamente, estará a pensar foi a mesma que Zé Augusto, sério e de voz muito mais grave, fez:

— Quem é o indivíduo de sexo masculino!?

Zé Augusto não se transtornou com a saída do Zezito ou do Lito do plantel do Sporting nesse ano, e nem sequer com o facto de esgotarem quase sempre as bolas de Berlim com recheio na praia de Avenças, mas, com o avistamento de um indivíduo bem parecido, não reconhecido por si e do mesmo sexo que o dele junto a Rosa, ficou vermelho, irritado e sem pinga de saliva na boca. Se acaso existissem efeitos especiais, diria até que fumo lhe sairia pelas orelhas, como nos típicos desenhos animados que tanto apreciava nas manhãs de sábado. Não tardou em subir as escadas, galgando os degraus aos pares, fraquejando na tentativa de manter uma respiração equilibrada à chegada ao topo. Rosa acenou a Marco, que nem sequer recebeu de Zé Augusto um «até logo» ou a informação acerca das horas a que iria sair das aulas para que o pudesse ir buscar.

— Bom dia, Rosa da Madragoa!

Rosa girou a sua cintura, o que fez com que os seus cabelos castanhos longos se movessem ao sabor do vento, para se colocar

de frente para Zé Augusto. Ela parecia-lhe ainda mais bonita desde o último dia em que a vira, na Caparica, que, de acordo com a sua espécie de calendário mental, já faria uma semana na terça-feira dessa semana.

— Eu não sou a Rosa da Madragoa, mas seja bem aparecido, senhor Zé Augusto!

Rosa gostava de ser muito pouco delicada, e das flores que lhe deram o nome, apenas herdara os espinhos, já que as suas respostas eram mordazes e repletas de ironia — ou pelo menos era assim que gostava de se mostrar. Tinha os cabelos castanhos-escuros e ondulados e herdara da sua mãe uns olhos grandes e brilhantes cor-de-avelã e, do pai, a alta e esgalgada estatura. Sorria sempre timidamente e fora a sua irmã mais velha quem lhe oferecera o nome, porque, quando dera os seus primeiros passos, caminhava para roubar uma rosa amarela do canteiro da mãe.

Zé Augusto tudo fez para ignorar o companheiro de Rosa no cimo das escadas e, aproveitando a sua deixa, questionou-a no mesmo tom:

— Isso é tudo saudades?

Zé Augusto ainda lhe tentou mexer nas pontas do cabelo com os dedos, mas Rosa afastou-o um pouco com a mão, colando-a no peito dele e avisou-o:

— Eu!? De quem haveria de ter saudades!? Tu não deixas saudades a ninguém!

— Não digas isso muitas vezes que me magoas... — Zé Augusto dizia-lhe isto com a mão pregada na de Rosa, junto ao seu coração, com ar de convencido, como se tivesse ganhado o primeiro *round* de uma luta existente apenas para ambos.

Rosa, deixando cair a mão e voltando-se novamente para o seu companheiro de conversa, perguntou a Zé Augusto:

— Não me perguntas quem é o nosso novo colega?

— Nem o vi!

Zé Augusto tentou evitar trocar olhares com aquele suposto

colega, mas nem precisava de o conhecer para o odiar. Só de o ver próximo de Rosa, já se assumia como inimigo número um da criatura bendita.

Com a mão estendida diante de Zé Augusto, o próprio apresentou-se:

— Sou o João Vaz, muito prazer!

O ambiente estava tenso. Era certo que Zé Augusto ainda não recuperara o fôlego depois de galgar as escadas, mas qualquer um dos presentes juraria que as suas faces ficaram ainda mais rosadas do que antes. Rosa olhava-o surpreendida, já que nenhuma expressão se afigurava nas suas faces para além dos olhos postos na mão de João, que mantinha a sua mão estendida, sorridente.

Por seu lado, Zé Augusto sentia o calor do uso da gravata, estando ainda em setembro, a subir até às suas faces. Por momentos, as suas sobrancelhas moveram-se, desenhando uma expressão de irritação. Ele continuava a pensar nas várias opções que tinha e nenhuma delas ia ao encontro de quaisquer normas de etiqueta que se prezassem na alta sociedade lisboeta. Mas ele nem fazia parte da alta sociedade! O que teria ele a perder?

Estas e outras questões atormentaram a mente de Zé Augusto durante uns trinta segundos, antes de tomar a derradeira decisão.

Olhando bem para o seu adversário, João era um galã. Era alto, mas, pela linha dos olhos de Zé Augusto, ele ainda conseguia ser uns centímetros mais alto. Nem que fosse meio centímetro, continuava a ser mais alto... Uma pequeníssima vitória para Zé Augusto!

Mas João tinha cabelos louros ao estilo de George Michael, e Zé Augusto sabia o quanto as suas irmãs suspiravam no quarto com os *posters* do cantor com ar de *bad boy*¹. Honestamente, uma parte de si tinha um certo receio de que Rosa, um dia, trocasse

¹ Refere-se a uma imagem de personalidade rebelde ou provocante, muitas vezes associada a ícones da música ou cultura *pop*.

as bandeiras partidárias por *posters* daquele género e, pior ainda, se deixasse suspirar por eles! No entanto, não era apenas a cor do cabelo que era idêntica ao cantor, João tinha também a figura esguia e os ombros largos. Só não tinha a barba e, tendo em conta os gostos literários da sua Rosa, poderia ser um ponto desfavorável a qualquer interesse romântico.

Zé Augusto, baixando a cabeça, ainda olhou de relance para si próprio, começando pelos pés e terminando no seu peito. Ele era alto, de ombros largos, mas com um corpo ligeiramente mais robusto e com cabelos escuros, quase sempre despenteados. Ele conseguia facilmente competir com os Beatles, mas contra um George Michael era capaz de ser mais complicado... Valha-lhe a sua inteligência e o seu humor junto de Rosa, se mais nada lhe valer neste duelo de galãs.

Ponderou seriamente e, para surpresa até de Rosa, apertou-lhe a mão, apresentando-se:

— Sou o Zé Augusto Júdice, o melhor amigo da Rosa.

Rosa camuflou a surpresa com indignação:

— És o quê!?

— O teu melhor amigo! — Voltando-se para João, com um sorriso sarcástico, disse-lhe: — Sei tudo sobre ela! A sério, se precisares de dicas para a conquistares, podes perguntar-me, João.

— Não lhe liguês, João... O Zé não sabe nada sobre mim.

Rosa tentava minimizar a duração ou as temáticas da conversa, mas sem sucesso, já que Zé Augusto, indignado com tal comentário, a recordou do seu dia de aniversário, de como o amarelo era a sua cor preferida, de como as rosas amarelas a faziam sorrir e até de como o seu rádio mais recente era vermelho...

— O teu rádio é vermelho e sabes como sei!? Porque fui eu quem te ofereceu. Agora... — Zé Augusto, voltando-se para João e bloqueando a visão de Rosa, questionou-o: — Qual é o teu partido político? Se não é indiscrição, claro... Ou, pelo menos, em qual votaste nas últimas eleições?

João respondeu-lhe com a mesma sinceridade com que lhe sorriu durante toda a conversa:

— Sem problema... Sou do PPD.

Zé Augusto sorriu francamente, até mais aliviado, e deu-lhe aquilo a que ele gostava de chamar de «palmadinha de conforto» no seu braço, avisando-o:

— Pois... Não vai dar, companheiro... A Rosa é do PCP... Não sei se ela já te tinha dito.

Enquanto João ficou surpreso com a frontalidade de Zé, Rosa puxou-lhe o braço para falar um pouco mais à parte, junto das escadas. Rosa escondia um pequeno sorriso nos lábios com o tom mais áspero na sua voz:

— Como te atreves, José Augusto Júdice!?

— Estou só a divertir-me... Temos de pensar positivo, pelo menos assim já sabes que ele é do PPD... Imagina os vossos filhos! Os marmelos com dezoito anos atrever-se-iam a votar no MES ou no PRD! A infâmia...

Zé Augusto sorria, divertido com a gargalhada que conseguira roubar àquela jovem mulher que sempre o habituara a expressões mais sérias. Rosa, desta vez, não escondeu o seu sorriso e, colocando a mão no seu ombro, confessou-lhe o motivo da conversa e amizade com João:

— Ele quer ser candidato à Associação de Estudantes e convidou-me para fazer parte das listas, é só isso! Não me interessa se ele é do PPD, da UDP ou de outro partido qualquer!

Os lábios de Zé Augusto torciam-se nas suas faces, demonstrando insatisfação na resposta de Rosa, pois não se permitia confiar em João e, ainda vermelho, quase a competir com um tomate — bastaria só mais um bocadinho de irritação para ser preciso um extintor —, perguntou-lhe:

— Como é que ele sabe que tu tens interesse? De onde o conheces? Sabes lá do que estes jovens são capazes atualmente!

Rosa voltou a soltar uma gargalhada, olhando para o seu

velho do Restelo, jurando que aquela face de vinte e poucos anos escondia uma mente de sessenta, descrente na capacidade das mulheres se conseguirem defender sem príncipes encantados ou cavaleiros andantes.

— Ele é meu primo... do Porto.

Uma pequena fração de vergonha alojou-se na alma de Zé Augusto. Eles foram apresentados há muitos anos numa festa de aniversário, mas ele esquecera-se de que não havia sido o único a crescer. Observando-o de volta, acenou-lhe de forma um pouco mais amigável e apressou-se a dizer-lhe:

— Esqueci-me de que tinhas um primo que também estudava Direito. Tu sabes que eu só tenho ouvidos e olhos para uma pessoa.

Rosa afastou-o de si com um simples dedo no peito e, no regresso para junto do primo, questionou-o:

— É para o Manuel José, não é!?

Entre alguns perjúrios e algumas caretas, Zé Augusto seguiu o seu caminho até ao interior da faculdade, enquanto Rosa continuou ao pé do seu primo. Zé Augusto ainda olhou para trás, mas Rosa continuava sem se mover. Foi uma despedida breve, já que se voltariam a encontrar dali a quinze minutos na aula de Direito Constitucional, onde se sentariam lado a lado, como em todos os outros dias e em todas as outras aulas. Faziam parte de um grupo pequeno de amigos e eram os únicos que tinham decidido enveredar por Direito, enquanto Marco optou por Gestão, Rita, por História e Alexandre, por Medicina. Rosa e Zé Augusto eram os únicos a construírem um futuro lado a lado desde os tempos da primária, sem que nenhum deles assumisse o quão parecidos eram, mesmo nas suas diferenças. Eram a perfeita síntese da fatídica lei da física «os opostos atraem-se». Coulomb ficaria orgulhoso. Provavelmente, nunca teria pensado em tal dicotomia. Rosa não perdia um debate, e Zé Augusto não perdia um jogo do Sporting. Ambos ficavam acalorados nas discussões e tinham a sua própria noção de justiça, à medida de cada um, e, afinal

de contas, entre um jogo de futebol e uma sessão parlamentar até existem muitas parecenças, já que há sempre equipas, líderes e tentativas de vitória umas sobre as outras. Rosa dizia que só quando os políticos entrassem em campo conseguiria ver jogos, e Zé Augusto só quando os jogadores comessem a discursar se interessaria por política.

Por entre os blocos de folhas e alguns códigos anotados, o *Record* escondia-se na pasta de Zé Augusto. Desacreditada pelo que os seus olhos viam, Rosa julgava-o com o seu olhar, esquecendo-se de que Zé Augusto também conseguia ver um *Avante!* entre as suas coisas. Lançando-lhe um olhar, Zé Augusto recordou-a:

— E, no final das contas, somos iguais...

Ela sorriu-lhe, deixando que ele lesse o jornal dele, e ela leu o seu sem interrupções. A dada altura da aula, o professor questionou-os:

— Já sabem alguma coisa sobre os estágios? Gostava que quem precisasse de uma ajuda falasse comigo no final da aula.

Ao contrário de Rosa, Zé Augusto foi um dos alunos que, no final da aula, sentiu que precisava de algum auxílio na seleção de um estágio. O professor já o conhecia há cerca de quatro anos e habituara-se ao seu mau feitio de cada vez que o seu Sporting ou a equipa do bairro, por si treinada, perdiam, e ele era o homem mais sábio que Zé Augusto acreditava conhecer.

— Meu rapaz, tu tens imensas oportunidades. Eu preferia que seguisses mais penal do que civil, mas... eu aceito a tua escolha. Já fizeste a tua pesquisa?

Apeteceu-lhe mentir e dizer que tinha passado o verão inteiro à procura de um lugar para estagiar. Já que, na verdade, passou o verão a caminho da praia, a comer bolas de Berlim com creme, a tentar recrutar jogadores da equipa do bairro para as Marchas Populares do próximo ano e a acompanhar a pré-época do Sporting. Ainda teve a oferta do pai de Marco para trabalhar numa empresa em Guimarães, porém, não queria deixar a Madragoa tão cedo na

sua vida, sobretudo porque tinha de manter o título de campeão da equipa do bairro: Filhos da Madragoa Sport Club.

— Tive uma proposta em Guimarães, mas é um pouco longe.

— Há uma firma aqui em Lisboa que pode ser do teu agrado. Chama-se *Sousa & Sousa* e costuma aceitar estagiários. O Doutor Manuel é boa pessoa e já foi professor aqui.

— Eu vou verificar, muito obrigado, professor.

À saída da sala de aula, Rosa esperava-o com uma folha para que ele assinasse, como um dos alunos proponentes para a candidatura do seu primo João à associação de estudantes.

— Assinas?

— Em troca de um beijo teu, eu assino...

Ele já se preparava para ver se o seu hálito a pastilhas de morango se mantinha, começando a apalpar suavemente as suas bochechas para se certificar de que as faces estavam macias. Ela olhava para o seu relógio. Ele, que se julgava pronto, viu todas as suas esperanças desmoronadas quando ela o avisou:

— Eu não te vou dar um beijo em troca de uma assinatura!

— Então, não assino!

Determinado, Zé Augusto decidiu rumar até à biblioteca, e Rosa foi atrás dele com o bloco das assinaturas debaixo do braço. Apercebendo-se do som característico das botas naquele pavimento, questionou-a:

— Estás a repensar no beijo, é!?

Rosa parou e fez com que também ele parasse. Ele continuou, e ela seguiu-lhe os passos. Chegaram à biblioteca lado a lado e, antes de Zé Augusto retirar folhas da pasta, pegou-lhe no bloco das assinaturas e assinou.

— Faço isto por ti, não é pelo teu primo. Só o vi uma vez numa festa de anos e ele estava com a cabeça enfiada num bolo de chocolate! Faço lá ideia se ele é realmente preocupado com os estudantes! Eu acredito é em ti...

Rosa aproximou-se de Zé Augusto, sentindo-se uma felizarda

por ter mais uma assinatura e quase a sua bênção para continuar a apoiar a candidatura do primo. Deu-lhe um abraço e um beijo suave na face esquerda.

— Eu sabia que ias assinar!

Rosa conseguiu que Zé Augusto corasse pela segunda vez naquele dia. O coração de Zé Augusto parecia estar a correr a meia-maratona de Lisboa, mas ele sentia-se nas nuvens, porém, mesmo assim, fingiu a sua desilusão.

— Não era bem esse beijo que eu queria...

— Devias ter sido mais específico!

Ainda ficaram largos segundos a olhar um para o outro, sem deixar que os seus braços caíssem. Não era o primeiro beijo que haviam trocado, já era o quarto, talvez... Zé Augusto lembrava-se de todos eles e até os marcara no calendário, celebrava todos esses dias, mesmo que escassos, envergando, nessas alturas, uma gravata vermelha.

O primeiro beijo tinha sido no quarto ano de escolaridade, numa brincadeira entre polícias e ladrões, e ninguém percebeu bem como acabou num beijo entre os dois. O segundo foi no nono ano, depois de uma disputa eleitoral pelo lugar de delegado e subdelegado de turma; e o mais recente, mais escondido aos olhos de todos, na Caparica.

Com a saída de Rosa da biblioteca, Zé Augusto começou a escrever a carta de motivação para o estágio, o que lhe ocupou toda a hora de almoço e que entregaria quando Marco o levasse até casa.

À noite, enquanto esperava que o sono o visitasse, como fazia em todas as noites há pelo menos três anos, ligava o rádio na mesinha de cabeceira e deixava-se adormecer depois de pedir para passar, na *Voz da Madragoa 97.3 FM*, uma música destinada ao seu amor, com o mesmo nome de flor. Era sempre o que ele dizia, assinando com a alcunha que o pai e todos lhe ofereceram: *o pequeno Gigante*, em honra ao Torres, das águias de Lisboa.

Pois é, um sportinguista batizado em homenagem a José Augusto Torres, o gigante do Benfica. É uma história até engraçada e que servia um pouco de embaraço a Zé Augusto pela escolha do seu clube de coração...

Madrageira, de Lucília do Carmo

Foram poucos os dias que se passaram entre o anúncio do início das campanhas da FRELIMO, no norte de Moçambique, e o da gravidez de Aurora. Os sentimentos de medo e esperança, que se tornariam ainda mais contraditórios do que qualquer cidadão português esperaria à época, suscitavam um desconcerto na cabeça de Manuel. E, ainda que dissesse não conseguir entender que futuro estaria reservado ao seu país por só saber «o alfabeto e fazer contas», de uma coisa ele estava certo: em 1965, o seu Benfica renovaria o título de Campeão Nacional.

A poucas semanas de nascer, o pobre nascituro ainda não tinha nome... O lado feminino da família, e em maioria, escolhia Henrique como o apresentador daquele que foi o 1º Festival da Canção. Manuel quase que se resignou àquela escolha, não fosse Santo António, da sua devoção, fazer o milagre por si solicitado horas antes na igreja de Santos-o-Velho, na Madrageira do seu coração, permitindo a única vitória do Benfica nessa época sobre o Sporting, a dezoito de outubro de 1964, com dois golos de Torres.

E assim, o nome ficou acordado... O menino, que nasceria aos quatro dias do mês de novembro de 1964, seria nomeado José Augusto, em homenagem a Torres, que nesse mesmo dia faria o único golo do Benfica contra o Chaux-de-Fonds, na primeira mão dos oitavos de final da Taça dos Campeões Europeus.

Foi já com o seu Zé Augusto ao colo que ouviu, através do rádio, a desoladora derrota encarnada em San Siro, que apenas apelidava de «injusta», por não querer que o seu *pequeno Gigante* aprendesse de cedo quaisquer impropérios...